Dia 1 — Santo Inácio, Bispo de Antioquia e Mártir

Santo Inácio, bispo de Antioquia e mártir, floresceu no primeiro século da Igreja. Tomou o sobrenome de Teóforo, que significa homem que leva a Deus, para dar a entender que levava Jesus Cristo profundamente gravado em seu coração. Alguns o fazem sírio de nação; Metafrasto e Nicéforo asseguram que era judeu e acrescentam ainda que foi aquele menino a quem o Salvador chamou e, colocando-o no meio de seus discípulos, o propôs como exemplo de inocência e de humildade cristã, segundo se refere no capítulo 18 do evangelho de São Mateus; mas, afirmando São João Crisóstomo que Santo Inácio nunca viu Jesus Cristo, não se pode assegurar coisa positiva em fato tão considerável. O que não admite dúvida é que Santo Inácio foi um dos principais discípulos dos apóstolos, e particularmente do evangelista São João. Na escola de tal mestre não é de admirar que tenha aprendido aquele amor ardente e aquele abrasado zelo com que sempre amou o Salvador.

Pode-se fazer juízo da eminente virtude e do extraordinário mérito de nosso santo pela escolha que dele fizeram os apóstolos para que governasse uma igreja de tanta autoridade como a de Antioquia, fundada pelo próprio São Pedro e que em pouco tempo floresceu tanto que nela os fiéis começaram a tomar o nome de cristãos. Santo Anacleto, papa, Teodoro e São João Crisóstomo são de parecer que foi sagrado bispo pelo próprio apóstolo São Pedro e que, com a imposição das mãos feita pelo príncipe dos apóstolos, recebeu aquela plenitude de virtudes episcopais de que foi dotado nosso santo. O que está fora de toda controvérsia é que Santo Inácio não governou a igreja de Antioquia senão depois da morte de São Evódio, sucessor imediato de São Pedro, que morreu no ano 69 de Cristo.

Governou Santo Inácio a dita igreja por quase quarenta anos, com tanta prudência, com tanto zelo, com tanta felicidade e com tão grande reputação que todas as igrejas da Síria recorriam a ele como a seu oráculo. Na perseguição de Domiciano teve muito que padecer, mas nunca abandonou seu amado rebanho em meio aos maiores perigos da vida. Era tão veemente sua paixão pelo martírio que costumava dizer que não cria amar bem a Jesus Cristo até derramar por ele todo o seu sangue. Durante aquele tempo de tribulação, seu zelo e sua caridade serviram de grande consolo a todos os fiéis: assistia a uns, confortava a outros e a todos mantinha na fé.

Tendo morrido o imperador Domiciano no ano 96 de Cristo, Nerva sucedeu-lhe no império e restituiu a paz à Igreja, mandando voltar do desterro todos os que o padeciam por causa da religião; mas, como Nerva morreu um ano e poucos meses depois de sua exaltação ao trono, foi de curta duração a calma. Contudo, Santo Inácio aproveitou-se maravilhosamente daquela breve trégua para instruir e alimentar seu povo com frequentes exortações, bem como para dispor-se ele mesmo ao martírio com exercícios de oração e de penitência.

Mas, se padeceu grande perseguição da parte dos gentios, não a padeceu menor da parte dos hereges, que não deixaram de empregar meio algum para alterar a pureza da fé e para enganar os demais fiéis com artificiosas exterioridades e com especiosos pretextos de severidade e de reforma. «Há certos homens enganosos e embusteiros — diz o mesmo santo escrevendo aos de Éfeso — que, cobrindo-se com o santo nome de Deus, fazem coisas indignas de tão soberano nome. Fugi deles como de feras; são cães raivosos que mordem à traição; guardai-vos deles, porque sua mordedura é difícil de curar. Consta-me que foram a essa cidade pessoas de má doutrina; mas sei também que fechastes os ouvidos para não os ouvir; seja Deus bendito.»

E escrevendo aos fiéis de Esmirna: «Este conselho vos dou, caríssimos irmãos meus, para que possais guardar-vos dessas feras em figura humana, às quais não só não deveis receber, mas, se fosse possível, nem sequer encontrar-vos com elas. Contentai-vos em pedir a Deus que lhes abra os olhos para que se convertam, se puder ser. Não me pareceu conveniente declarar aqui os nomes desses incrédulos; livre-me Deus até de tomá-los na boca antes que se voltem para sua majestade. Abstêm-se da Eucaristia, porque não querem crer que a eucaristia seja aquela mesma carne de nosso Senhor Jesus Cristo, que tanto padeceu por nossos pecados; aquela mesma que o Pai Eterno ressuscitou por sua bondade. Afastai-vos deles, torno a dizer, e não lhes faleis nem em público nem em segredo.»

Havia muito tempo que Santo Inácio suspirava pelo martírio quando o imperador Trajano, que havia sucedido a Nerva, passou ao Oriente no ano de Cristo 106, marchando para a Armênia contra os partos. Quando chegou a Antioquia, teve notícia do zelo e do fervor com que Santo Inácio pregava por toda parte a religião cristã e dos muitos que convertia com sua pregação. O imperador mandou que o trouxessem à sua presença; e, tendo-o diante de si: — Tu és — perguntou-lhe — aquele Teóforo que não quer obedecer a meus decretos imperiais e que, negando-se a sacrificar aos deuses do império, engana toda esta cidade, pregando a todos a religião cristã? — Sim, senhor — respondeu Inácio —, eu sou aquele que se chama Teóforo. — E por que te chamas Teóforo, ou o que leva a Deus? — replicou o imperador. — Que quer dizer isso? — Senhor — respondeu o santo —, quer dizer que levo Jesus Cristo profundamente gravado em meu coração. — Pois quê — repôs Trajano —, pensas que nós não temos também em nossa alma os deuses imortais, que nos assistem nas batalhas e nos concedem a vitória? — Ó imperador — respondeu o santo —, que grande cegueira é dar o nome de Deus aos demônios que os idólatras adoram! Sabei, senhor, que não há senão um só Deus, criador do céu e da terra, e seu único Filho, Jesus Cristo, nosso Salvador, cujo reino é eterno. Ah, senhor, e quão ditoso seríeis vós, quão feliz, quão próspero vosso império, se crêsseis nele! — Mudemos de assunto — disse-lhe o imperador —, e falemos de outra coisa. Inácio, agora só se trata de que procures dar-me gosto, pondo-me em ocasião de fazer-te muitas mercês e de honrar-te com minha amizade; sacrifica, pois, a nossos deuses, e eu te empenho minha palavra imperial de que no mesmo instante te declararei sacerdote do grande Júpiter e pai do senado. — Guarda, ó imperador, essas liberalidades para outros que as estimem — respondeu Inácio —, que, pelo que a mim toca, tenho a honra e a glória de ser sacerdote de Jesus Cristo, e toda a minha ambição se reduz a sacrificar minha vida por este divino Salvador, que me remiu da morte e me dará outra vida imortal. — Como! — replicou Trajano. — Por aquele Jesus que foi crucificado no tempo de Pôncio Pilatos? — Por esse mesmo, que morreu por mim numa cruz — respondeu Santo Inácio —, desejo eu dar minha vida, e serei ditoso se forem ouvidos meus desejos. Irritado então o imperador, pronunciou contra ele a sentença de morte nestes termos:

Mandamos que Inácio, que diz levar em si mesmo o crucificado, seja posto a ferros e conduzido pelos soldados à grande cidade de Roma, para ser nela lançado às feras, servindo de espetáculo e de diversão ao povo.

Apenas ouviu o santo a sentença, exclamou arrebatado de alegria: Eu vos dou graças, Senhor, porque enfim terei o consolo de dar-vos alguma prova de meu amor sacrificando-vos minha vida. Que honra para mim ser posto a ferros por vosso amor, como o foi Paulo, vosso apóstolo! E, dizendo estas palavras, apresentou as mãos às algemas. Pôs-se de joelhos, beijou as cadeias e, tendo feito oração a Deus com muitas lágrimas por toda a Igreja, partiu de Antioquia e foi embarcar em Selêucia, acompanhado de dois diáconos de sua igreja, Fílon e Agátopo, que não se apartaram dele e foram, ao que se crê, os que escreveram as atas de seu martírio.

Depois de muitos trabalhos e fadigas, chegou Santo Inácio ao porto de Esmirna. Permitiram-lhe entrar nele, onde encontrou São Policarpo, seu bom amigo, que também havia sido discípulo do apóstolo São João. Foi recíproca a alegria e o consolo dos dois santos. Todas as igrejas daquela província enviaram-lhe seus deputados para encomendar-se às suas orações. Onésimo, bispo de Éfeso, Dâmaso, bispo de Magnésia, e Pólibo, bispo de Trales, vieram visitá-lo em pessoa. De Esmirna escreveu o santo a essas três igrejas umas epístolas cheias daquele espírito apostólico que o animava. «Sejam, sejam — diz em sua epístola aos efésios —, sejam vossos exemplos outras tantas lições que deis aos ímpios e aos libertinos. Opondo a seu proceder impetuoso e arrebatado vossa doçura e vossa modéstia; a suas injúrias, vossa paciência e vossas orações; a seus erros, vossa constância na fé. Sejam vossas disputas sobre quem há de padecer mais injustiças, mais perdas e mais desprezos por Jesus Cristo. Por este Senhor levo eu minhas cadeias, pérolas preciosíssimas, que estimo mais que todos os tesouros do mundo.»

«Embora eu esteja acorrentado — escreve aos fiéis de Magnésia —, nem por isso valho tanto como qualquer de vós, que estais livres. Lembrai-vos de mim em vossas orações, a fim de que eu chegue a gozar de Deus; e não vos esqueçais da igreja da Síria, na qual não mereço ser contado. Tenho gosto em padecer — diz em sua carta aos de Trales —, tenho gosto em padecer, é verdade, mas não sei se sou digno disso. Rogai a Deus por mim, para que seja merecedor de gozar a porção que me está destinada e para que não seja reprovado.»

Tendo encontrado em Esmirna alguns fiéis que iam a Roma e haviam de chegar antes dele, Santo Inácio entregou-lhes uma carta para os fiéis da mesma Roma, na qual, com os termos mais vivos, lhes descobre os verdadeiros sentimentos de seu coração e os conjura a que não façam diligência alguma para livrá-lo de padecer a morte por Jesus Cristo. «Temo — diz — que vossa caridade me seja perniciosa e que ponhais algum estorvo ao cumprimento de meus desejos; porque nem eu lograrei jamais tão bela ocasião de ir a meu Deus, nem vós me podereis fazer maior mercê do que deixar-me consumar meu sacrifício. Não podeis proporcionar-me outro bem mais estimável do que deixar que me sacrifique a meu Deus, enquanto o altar está pronto e só se espera a vítima. Isto suplico, e não queirais amar-me fora de tempo. Deixai-me servir de pasto aos leões, porque sou trigo de Deus e devo ser moído pelos dentes das feras; desejo que seu ventre seja minha sepultura e que não deixem nem relíquia de meu corpo. Na verdade, pode-se dizer que desde a Síria até Roma vou lidando com umas bestas ferozes, porque estou preso e atado no meio de dez leopardos, que, quanto melhor faço com eles, pior me tratam; mas tenho-me por ditoso em

padecer este exercício por amor de meu Senhor Jesus Cristo. Queira Deus que, ao chegar, encontre logo as feras aparelhadas para despedaçar-me. Nenhuma coisa temo mais do que o que me perdoem, como o têm feito com alguns discípulos de Cristo; se isso sucedesse, eu mesmo as irritaria. Perdoai-me, que eu sei o que me convém: sim, digo-o intrepidamente: nenhuma criatura visível nem invisível pode estorvar-me de ir a Jesus Cristo. O fogo, a cruz, as feras, a separação de meus ossos, a divisão de meus membros, a destruição de todo o meu corpo, toda a malícia dos próprios demônios, nada será capaz de fazer vacilar minha fé, nem de enfraquecer meu amor, nem de diminuir meu ânimo; nada poderá espantar-me nem prejudicar-me, contanto que eu possua a Jesus Cristo. Todos os gostos do mundo, todos os reinos do século nada são; mais vale morrer por Cristo do que ser rei de toda a terra. Em vão se lisonjeia de amar a Jesus Cristo quem ama o mundo; quanto a mim, só vivo para morrer por Jesus Cristo.»

Obrigado Santo Inácio a embarcar antes do que pensava para passar a Neápolis da Macedônia, escreveu a São Policarpo uma carta verdadeiramente apostólica, cheia das mesmas máximas e do mesmo espírito que as precedentes. Além destas cinco epístolas, temos ainda outras duas de nosso santo, uma aos de Filadélfia e outra aos de Esmirna; todas no mesmo tom e abrasadas do mesmo fogo [^1].

Os soldados que escoltavam Inácio temiam chegar tarde a Roma para os jogos que se celebravam naquele tempo e já estavam para acabar-se. Com este medo apressaram extremamente a marcha; mas sempre caminhavam com lentidão para as ânsias de nosso santo. À primeira notícia de sua vinda saíram a recebê-lo tropas inteiras de cristãos, tanto de Roma como dos lugares vizinhos. Logo que entrou naquela cidade, pôs-se de joelhos com os cristãos que o rodeavam e, oferecendo-se a seu Deus como vítima que estava pronta a ser sacrificada, pediu-lhe pela paz da Igreja. Depois foi conduzido ao anfiteatro e imediatamente foi exposto às feras, à vista dos pagãos que haviam concorrido a celebrar a profana festa que se chamava dos Selos.

Ouvindo o santo o rugido dos leões famintos, disse em alta voz o que havia escrito aos romanos: Eu sou trigo do Senhor e devo ser moído pelos dentes destas feras para poder ser oferecido como pão puro a Jesus Cristo. Um instante depois foi despedaçado pelos dentes dos leões, como o havia desejado, ouvindo-se-lhe pronunciar o santo nome de Jesus até o último suspiro. Não restaram de todo o seu corpo senão alguns ossos, que os cristãos recolheram; e poucos dias depois foram conduzidas estas preciosas relíquias à cidade de Antioquia, onde foram recebidas e reverenciadas com singular veneração e com extraordinária piedade. Sucedeu o martírio de Santo Inácio no ano do Senhor 107, a 20 de dezembro, segundo a opinião de quase todos os orientais; mas a Igreja latina celebra sua festa no dia 1º de fevereiro, que, segundo Beda e alguns outros, foi o de sua morte.

Asseguram alguns escritores que este santo não foi despedaçado, mas sufocado pelos leões, e que, depois de morto, o abriram para ver se era verdade que tinha gravado no coração o doce nome de Jesus, como ele mesmo o dizia muitas vezes; e que com efeito se achou esculpido nele, com letras de ouro, este dulcíssimo nome. Mas, como todos os autores antigos calam este fato, pode-se verossimilmente crer que esta opinião não teve outro fundamento senão os vivíssimos termos de que se valeu Santo Inácio para explicar o ardente amor que professava a Jesus Cristo.

Depois que a cidade de Antioquia foi tomada e quase arruinada pelos persas e pelos sarracenos, trasladaram-se a Roma as preciosas relíquias de nosso santo e foram colocadas na igreja de São Clemente, onde são tidas em grande veneração. Celebrou-se esta trasladação no ano 540, como dizem uns, ou, como mais provavelmente querem outros, no de 639.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus: et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Ignatii martyris tui atque pontificis intercessio gloriosa nos protegat: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus todo-poderoso, atendei à nossa fraqueza; e, pois estamos oprimidos com o peso de nossos pecados, amparai-nos pela intercessão de vosso glorioso mártir e pontífice, o bem-aventurado Inácio: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do apóstolo São Paulo aos Romanos.

Romanos 8,35-39

> **Latim:** [35] Quis ergo nos separabit a caritate Christi ? tribulatio ? an angustia ? an fames ? an nuditas ? an periculum ? an persecutio ? an gladius ? [36] (Sicut scriptum est : Quia propter te mortificamur tota die : æstimati sumus sicut oves occisionis.) [37] Sed in his omnibus superamus propter eum qui dilexit nos. [38] Certus sum enim quia neque mors, neque vita, neque angeli, neque principatus, neque virtutes, neque instantia, neque futura, neque fortitudo, [39] neque altitudo, neque profundum, neque creatura alia poterit nos separare a caritate Dei, quæ est in Christo Jesu Domino nostro.

Português: [35] Quem nos separará pois do amor de Christo? será a tribulação? ou a angustia? ou a fome? ou a desnudez? ou o perigo? ou a perseguição? ou a espada? [36] (Assim como está escrito: Porque por amor de ti somos entregues á morte cada dia: somos reputados como ovelhas para o matadouro.) [37] Mas em todas estas cousas sahimos vencedores por aquelle, que nos amou. [38]

Porque eu estou certo, que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as virtudes, nem as cousas presentes, nem as futuras, nem a violencia, [39] nem a altura, nem a profundidade, nem outra creatura alguma nos poderá apartar do amor de Deos, que está em Jesu Christo Senhor nosso.

Nota

«Depois que São Paulo percorreu a Macedônia, passou à Grécia e nela se deteve três meses. Voltou a Corinto pela terceira vez, como ele mesmo havia prometido; e, estando já para regressar a Jerusalém, escreveu aos cristãos de Roma, cuja fé e cuja piedade eram já celebradas em todo o mundo. Escreveu-se esta epístola no ano 58 de Jesus Cristo.»

Reflexões

Quem nos separará do amor de Jesus Cristo? Deveriam falar outra linguagem os cristãos? Quando se conhece, quando se ama a Jesus Cristo, podem-se ter outros sentimentos? O ânimo e a confiança são inseparáveis do verdadeiro amor de Deus. Amor que se extingue com as tribulações não é realidade, é aparência de amor. Longe de apagar-se este divino fogo com os impetuosos ventos da perseguição, fazem-no crescer mais. Ao amor de Jesus Cristo servem de isca as adversidades: não deve temer as cruzes; os inimigos que propriamente há de temer são a abundância, as honras e os prazeres. Quantas vezes venceram as doçuras da paz aqueles mesmos que triunfaram dos tiranos! Que consolo saber que nada me pode apartar deste divino amor, se eu não quiser! Só devo desconfiar de mim mesmo; nada devo temer senão o pecado.

Quem nos separará do amor de Cristo? Será a tribulação? Serão as angústias? Ah, que elas servem grandemente para a nossa santificação! Não há coisa mais oportuna para extenuar nossas paixões; são, por assim dizer, o contraveneno de nosso amor-próprio. Será a fome? Será a nudez? Mas, quando se vê Jesus Cristo nascer e morrer na pobreza, poder-se-á olhá-la como trabalho ou como desgraça? Será o desprezo? Mas como pode sê-lo enquanto estou ouvindo meu Salvador lembrar-me que, se o mundo me aborrece, primeiro o aborreceu a ele? Enfim, será a perseguição? Será a espada? Mas quem ignora que, segundo nos adverte o próprio Jesus Cristo, todos os que querem viver piedosamente padecerão perseguição? Enquanto o mundo tiver sequazes, enquanto houver dissolutos, enquanto houver ímpios no mundo, a virtude será bem exercitada; mas quem não sabe que a virtude se aperfeiçoa na adversidade, como o ouro se purifica, se acrisola no fogo? Meu Deus! Quando poderemos dizer com o Apóstolo: Estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem o presente, nem o futuro, nem o mais alto, nem o mais baixo, nem outra alguma criatura me poderá separar do amor de Deus? Mas quem terá a culpa de que no presente não o possamos dizer? Que criatura pode presumir competências com um Deus? E, quando se trata de amar a todo um só Deus, que objeto criado deve pretender que reparta com ele meu coração, minha estima, meu carinho? Dignidades, honras, riquezas, prazeres, títulos grandes e pomposos, que significais

tão pouco ou tão nada, podereis porventura fazer-me perder a amizade de meu Deus? Que loucura preferir um relâmpago, uma sombra de prazer, e de um prazer fugitivo, vazio, de um prazer que se nos escapa por entre as mãos, a uma felicidade real, plena e eterna! Só o amor de Deus enche o coração, só ele o satisfaz; o amor de Jesus Cristo vale e serve por tudo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São João.

João 12,24-26

> **Latim:** 24 Amen, amen dico vobis, nisi granum frumenti cadens in terram, mortuum fuerit, 25 ipsum solum manet : si autem mortuum fuerit, multum fructum affert. Qui amat animam suam, perdet eam ; et qui odit animam suam in hoc mundo, in vitam æternam custodit eam. 26 Si quis mihi ministrat, me sequatur, et ubi sum ego, illic et minister meus erit. Si quis mihi ministraverit, honorificabit eum Pater meus.

Português: 24 Em verdade, em verdade vos digo, que se o grão de trigo, que cahe na terra, não morrer, 25 fica elle só: mas se elle morrer, produz muito fruto. O que ama a sua vida, perdella-ha: e o que aborrece a sua vida neste mundo, conservalla-ha para a vida eterna. 26 Se alguem me serve, siga-me: e onde eu estiver, estará alli tambem o que me serve. Se alguem me servir, meu Pai o honrará.

Meditação

Do amor-próprio

Primeiro ponto

Considera que não temos pior inimigo do que nós mesmos. Nossas paixões, nosso gênio, nossas inclinações viciosas, tudo conspira para perder-nos; nosso amor-próprio faz o nosso suplício. Não é preciso ir longe para encontrar o verdadeiro princípio de nossas inquietações; a origem de nossos desgostos, de nossos pesares e de nossas lágrimas está no fundo de nosso coração.

Nossas paixões são nossos próprios tiranos; e toda a viveza, todo o viço que têm o devem a nosso amor-próprio. Amamo-nos demais; e daqui provém que sejamos tão cegos para o interesse, tão ardentes para os prazeres e tão delicados em tudo o que possa ferir, ainda que ligeiramente, nosso

orgulho. Amamo-nos demais; e nisto consiste toda a nossa desgraça. Mas é amar-se o perder-se? Quem ama a sua vida, perdê-la-á: este é o fruto de nosso amor-próprio; não há condenado que não tenha sido o artífice de sua perdição; e isto só porque se amou demais.

Que vício há no coração que não seja, por assim dizer, alimentado à custa do amor-próprio? E que facilidade não acharia a virtude entre os fiéis, se o amor-próprio fosse menos poderoso? O pecado não tem mais mel nem mais atrativos do que os que o amor-próprio lhe empresta. Por pouco entendimento, por pouca religião que se tivesse, olhar-se-ia com horror; mas o amor-próprio cativa o entendimento, debilita a fé e nos domestica com o pecado. Podemos ter jamais maior inimigo a temer? Mas acaso o olhamos como tal? Meu Deus, e quão verdade é que quem neste mundo aborrece a sua vida a assegura para a eternidade! Quão verdade é que quem entrega seu coração aos desejos desordenados, quem lisonjeia os sentidos, quem passa os dias de sua vida na delicadeza, nos regalos, nas delícias, perde sua alma! Desterra do mundo o amor-próprio, dizia São Bernardo, e desterrarás o inferno.

Ah, Senhor, e quando deixarei eu de amar-me tanto à minha custa! Demasiadamente o tenho feito até aqui; fazei que me aborreça, e então começarei a amar-me verdadeiramente.

Segundo ponto

Considera que nunca se ama alguém mais do que quando se aborrece a si mesmo, no sentido do Evangelho. O mundo gosta pouco desta verdade; mas será menos verdade porque não seja do gosto do mundo? Ouçamos outra vez a mesma verdade eterna, que diz: Que quem ama a sua vida a perderá; e que quem a aborrece neste mundo a assegura para a vida eterna. Que há que replicar a este oráculo?

Amar-se alguém a si mesmo é desejar-se bem; pois é muito certo que ninguém se deseja tanto bem como o que mais se aborrece. Nega-se então muitos gostos, muitas satisfações, é verdade; mas haveria uma só que não fosse contrária à nossa salvação? Mortificam-se as paixões; mas há alguma que possa não nos ser perniciosa? Mantêm-se os sentidos sob rédea; mas por quê? Porque estão de inteligência com o inimigo. Abraça-se, leva-se a cruz; mas não há outro caminho que conduza à vida. Isto é o que se chama aborrecer-se alguém a si mesmo. E não é isto amar-se verdadeiramente? Volta os olhos para o exemplo de todos os santos: que te parece? Andava errado Santo Inácio quando desejava as cadeias, quando nada temia tanto como ser perdoado pelas feras? Aborreceu sua vida neste mundo; mas por isso a assegurou na eternidade.

Meu Deus, e quão pouco se amam os homens do mundo, quando só suspiram por aquilo que os há de atormentar e os há de perder! Que inimigos lhes poderiam fazer tanto mal como o que eles se fazem a si mesmos? Eles se sacrificam ao mundo, que não é mais que um vão fantasma, até abreviar seus dias e até viver em perpétua amargura. Cuidados infinitos, enfados mortais, cruéis remorsos, penas eternas: estes são os frutos naturais do amor-próprio; houve-os jamais mais amargos?

Ah, que as almas justas, os bons, os piedosos amam-se realmente com um amor-próprio mais fino, mais delicado, mais prudente e mais verdadeiro! De quantos pesares, de quantas misérias os livra a regularidade e seu retiro! Quantas felicidades lhes produz sua sábia mortificação!

Até este momento, Senhor, não havia compreendido eu o verdadeiro sentido, o segredo e toda a alma de vossas palavras. Meu amor-próprio me tinha enganado; por muito tempo me tem tido a gemer, sem advertir eu, ou ao menos sem querer desenganar-me, que ele era o inimigo de minha quietude e de minha salvação. Já conheço hoje minha ilusão e a detesto; estou resolvido, com vossa divina graça, a não me amar daqui em diante senão como se amaram todos os que professaram ser vossos verdadeiros discípulos.

Jaculatórias

> *Defecit caro mea, et cor meum: Deus cordis mei, et pars mea Deus in æternum.* Sl 72.

Já não haverá mais delicadeza, já não haverá mais amor-próprio; vós, meu Deus, Deus de meu coração, vós só o possuireis todo daqui em diante.

> *Beati omnes qui diligunt te, et qui gaudent super pace tua.* Tb 13.

Bem-aventurados os que não amam outra coisa senão a vós, meu Deus; os que não acham outro prazer nem outro gosto senão em agradar-vos e amar-vos.

Propósitos

1. Inutilmente se conhece o veneno do amor-próprio, se não se aplica a precaução ou o contraveneno para livrar-se dele. Considera hoje o império que até este dia exerceu sobre ti e quantas faltas te fez cometer. A preguiça em levantar-se pela manhã, o excessivo cuidado em livrar-se de todas as incomodidades do tempo, certa delicadeza refinada na comida, um estudo importuno e enfadonho em fazer-se servir, uma contínua aplicação a buscar todas as comodidades, certo fundo de sensualidade regalona que se derrama em todas as ações da vida: todas são sinais pouco equívocos de nosso amor-próprio. Examina quais são aquelas em que cais com maior frequência e não saias de teu quarto sem ter feito propósito, aos pés de um crucifixo, de cortá-las e de corrigi-las. Aponta também as que em particular resolveste mortificar neste dia.

2. O amor-próprio é muito sutil; sobretudo é engenhoso em iludir tudo o que pode contradizê-lo, tudo o que o mortifica e o violenta. Não te contentes com conhecer e condenar tudo o que o pode nutrir; declara-lhe guerra desde este mesmo ponto; e que não se passe o dia sem que tenhas conseguido dele ao menos alguma vitória. Para isto, eis aqui o que poderás fazer na prática: Primeiro, neste tempo de inverno certo fundo de delicadeza e de regalo te inclina a estar sempre junto ao fogo: faze propósito de não te achegares a ele senão depois de comer; ou, se te apertar tanto o frio que não possas deixar de aquecer-te, que seja de pé e muito de passagem. Esta ligeira mortificação agradará tanto mais ao Senhor quanto é mais sensível e mais contrária ao amor-próprio. Segundo, ainda que a urbanidade e a cortesia sejam de ordinário efeito de boa educação, pode-se dizer que a falta de urbanidade e a descortesia regularmente são obra da falta de mortificação e do amor-próprio. De hoje em diante hás de ser muito exato em todas as obrigações da urbanidade e da atenção cortesã, não só com os superiores, mas com teus iguais, e ainda com os que são inferiores a ti. O amor-próprio se achará como comprimido e violentado; murmurará, queixar-se-á de que se lhe vulneram seus direitos; mas tu faze-te surdo a suas queixas, não faças caso de seus descontentamentos, e logo conhecerás que de ordinário o ser descortês nasce de não ser mortificado. Terceiro, não peças hoje a teus criados ato algum de serviço que não seja com paciência e com doçura. Se algum é esquecido, tardo ou preguiçoso, sufoca os movimentos, os ímpetos de indignação que te causa sua negligência, e impõe-te a ti mesmo uma como lei de falar-lhe com sossego e com tranquilidade. Algumas vezes será melhor não repreendê-los, especialmente por descuidos leves, por miudezas, do que contentar o amor-próprio, corrigindo-os com impaciência ou com calor. Quarto, deram-te algum desgosto? Pregaram-te alguma peça? Não só não hás de conservar ressentimento, mas nem sequer falar na matéria com o maior amigo teu. Nutre-se muito o amor-próprio com esta espécie de confidências; mortifica-se muito sensivelmente quando se cala.

São Cecílio, Bispo de Granada e Mártir

Entre os eruditos que trataram das coisas antigas da Espanha, não se pôde decidir ainda se os sete varões apostólicos que pregaram o Evangelho em nossa península foram dos discípulos que se supõe que Santiago deixou nela, ou acaso aqueles mesmos sete que levou consigo a Jerusalém para que fossem testemunhas de seu triunfo. Se é verdade que o santo apóstolo deixou em Saragoça uma igreja dedicada à mãe de Deus, a piedade, a razão e a boa crítica exigem que se estabeleça como coisa razoável que deixasse cuidando dela alguns de seus discípulos. E, se é verdade igualmente que quis dar o encargo de trazer seu corpo aonde havia semeado seu espírito àqueles discípulos que se diz voltaram com ele a Jerusalém, também parece razoável que estes mesmos seguissem a obra começada por seu mestre.

Como quer que seja, aqueles historiadores que não têm empenho particular em negar-nos certas glórias de que nenhum prejuízo se causa nem aos fiéis nem à Igreja convêm desde logo em que os sete santos bispos que depois de Santiago, e com muito mais probabilidade depois de São Paulo,

pregaram na Espanha a religião de Jesus Cristo foram discípulos de nosso santo padroeiro. Em sua escola aprenderam o que seu mestre havia aprendido da mesma sabedoria por essência, e seu exemplo foi sem dúvida o estímulo mais poderoso que fomentou sua pregação nas diversas e penosas expedições do sagrado ministério.

Um destes varões apostólicos foi o glorioso São Cecílio, bispo de Ilíberis, hoje Granada. Ignora-se sua pátria, sua ascendência e os empregos em que gastou os primeiros anos de sua vida, sem que tenham podido até agora a curiosidade piedosa dos eruditos e a fadiga laboriosa dos antiquários descobrir coisa que mereça a aprovação e a fé dos que olham sem paixão nem prevenção os fatos que se dizem na história. Há quem se incline a crer que foi espanhol e um dos primeiros em quem a graça de Jesus Cristo, juntamente com a pregação de Santiago, fez um daqueles milagres de conversão que havia profetizado Isaías; mas dos instrumentos autênticos que o tempo, o descuido e as cruéis invasões perdoaram a nossa igreja não se deduz claramente a espécie insinuada, embora também não haja fundamento, senão o silêncio, que apoie o contrário. O Ofício moçárabe, o Lecionário complutense e a vida que dos sete apostólicos escreveu frei Rodrigo Cerratense pelos anos do Senhor de 1260 são, além do Códice emilianense que se guarda na real biblioteca do Escorial, os únicos monumentos que podem servir à história de nosso santo.

Segundo eles, São Cecílio, sendo já de idade avançada, foi ordenado bispo por São Pedro, na ocasião em que este santo apóstolo se achava em Roma em companhia de São Paulo. Não ignoravam estes dois príncipes da Igreja, recém-fundada por Jesus Cristo, que entre todas as nações do mundo havia apenas uma mais proporcionada para receber e conservar a santa lei que o próprio Filho de Deus havia firmado e selado com seu preciosíssimo sangue: a Espanha. São Paulo havia manifestado diferentes vezes ardentes desejos de vir em pessoa semear o Evangelho em nossa península, como consta de suas epístolas; e o glorioso doutor São Jerônimo dá por certa sua vinda, que apoiam infinitos sábios com razões e monumentos do maior peso e autoridade. São Pedro, ao menos, como cabeça do novo rebanho, devia procurar sua extensão e adiantamentos por todos os meios imagináveis. Mas, estando escrito que a fé entra pelo ouvido, e que este não pode ouvir os mistérios quando falta quem evangelize, é muito claro que os santos apóstolos não podiam buscar outros meios de semear a divina palavra que a missão e a pregação evangélica.

Com efeito, pelos anos do Senhor de 63 ou 64, ao tempo em que Nero perseguia sangrentamente o nome de Jesus Cristo, achando-se juntos em Roma São Pedro e São Paulo, ordenaram os sete apostólicos e os enviaram à Espanha. Os nomes dos outros seis companheiros de São Cecílio são, segundo a ordem do Ofício moçárabe, São Torcato, Segundo, Indalécio, Tesifonte, Eufrásio e Hesíquio. Cheios todos do fogo que o divino Espírito havia acendido em suas almas, puseram-se a caminho para desempenhar o ministério que lhes havia sido confiado. Quando a caridade verdadeira é o estímulo do obrar, nada há que possa deter nem retardar seus progressos. No mesmo instante se entregam às inconstantes ondas do Mediterrâneo, bem confiados em que o céu dirigiria seu rumo e daria à sua viagem aquele termo que fosse mais oportuno para a grande obra que meditavam. Não se pode atribuir a outra coisa o desprezo que ao parecer fizeram os santos da província tarraconense, a mais florescente então entre todas quantas possuíam os romanos na Espanha. Publicada a perseguição de Nero, foi uma celestial prudência retirar-se daquelas grandes cidades, onde a ambição e a crueldade dos pretores haviam de tirar aos povos da Espanha sete bispos e, neles, quase todo o vigor, robustez e propagação da semente que Santiago e São Paulo

haviam deixado começada.

Deus, que era o timoneiro que regia a nau, quis que tomassem terra num porto próximo à cidade de Guadix, que seria ou o de Urci, ou o chamado Porto Magno, que vem a ser muito perto do sítio que tem hoje Almería. Apenas chegaram os santos à terra, quando seus corações começaram a transbordar aquele gozo simples que costuma causar a consecução dos desejos ou o cumprimento das mais vivas esperanças. Logo se lhes apresentam diante dos olhos uns campos imensos, que deviam correr e percorrer evangelizando o bem universal que com sua vida e morte havia merecido para todos o Crucificado. Mas, ao mesmo tempo, viram igualmente uma imensa multidão de dificuldades que deveria vencer sua constância e uma multidão de perigos que havia de superar sua fortaleza. Haviam chegado ao teatro de sua caridade, de sua fé, de seu zelo, e aonde haviam de pôr em execução os últimos encargos que lhes faria seu mestre Santiago, em ordem à conquista daquela região predileta que ele havia começado a ganhar para Jesus Cristo; mas, aonde quer que os santos voltassem os olhos, não podiam encontrar senão estorvos, impedimentos e montanhas inacessíveis das mais trabalhosas dificuldades.

Estava a Espanha submersa na idolatria. O haver enriquecido a natureza seu solo com tantas preciosidades havia chamado a atenção e a cobiça das mais remotas gentes. Todos haviam trazido juntamente com sua ambição e com suas armas suas respectivas superstições e idolatrias. Os fenícios primeiramente, e depois os romanos, trouxeram consigo quantos ídolos pôde inventar uma louca fantasia em todos os países que sujeitaram suas armas vitoriosas. Aquela ridícula multidão de deidades, de que zombava um gentio satírico com tanta graça, recebia os incensos e adorações dos espanhóis, cegos ainda com a superstição e com o erro. Mas São Cecílio, juntamente com seus esforçados companheiros, estão já resolvidos a desterrar inteiramente a religião de cegueira e de trevas e plantar a de luz e de verdade, que era a religião de Jesus Cristo. Qualquer tardança parece que era enfadonha a seus ardentes desejos; pois, apenas tomaram terra, sem mais detenção nem apercebimento, puseram-se a andar, desejosos de encontrar povos onde começar a pôr em prática o santo ministério de que vinham encarregados.

Treze léguas e meia haviam caminhado quando se lhes apresentou já muito próxima a cidade de Guadix, na qual pensaram desde logo dar princípio à sua pregação; mas, como se sentiam cansados do caminho, pensaram deter-se algum tanto para tomar alento e reparar a debilidade da passada fadiga. Com este pensamento, mandaram a alguns de seus discípulos que passassem à cidade, distante pouco mais de um quarto de légua, e que comprassem os alimentos que haviam de comer. Era dia em que celebravam os gentios festa a Júpiter e a Mercúrio, segundo o Cerratense; e, segundo o Lecionário grande e os breviários antigos de Toledo e Burgos, não só a Júpiter e a Mercúrio, mas também à deusa Juno. Logo que os pagãos advertiram o traje desusado dos forasteiros, conheceram que poderiam intentar alguma coisa contra seus deuses. O fogo da superstição apoderou-se de seus corações e a cólera os irritou de maneira que tardaram bem pouco em manifestá-lo com sinais nada equívocos. Não se sabe se os santos discípulos, armados de zelo pela honra do Deus verdadeiro, intentariam acaso afastá-los de seus ritos, pregando contra as estátuas que eles adoravam como deidades. Talvez os sacerdotes imundos, noticiosos das expedições que muito pouco antes haviam feito Santiago e São Paulo, atiçariam o populacho para que perseguisse os santos, de quem podiam presumir igual empresa.

Mas Deus, que tudo governa e dirige com sabedoria admirável, permitiu este primeiro golpe de perseguição para fazer alarde do poder de sua destra e mostrar com uma maravilha portentosa a divina missão que naqueles apóstolos seus resplandecia. Todo o povo gentio corre com ímpeto para os santos discípulos, desejando cada um ser o primeiro que pudesse oferecer o sangue daqueles estrangeiros nas aras de seus deuses, a quem pretenderiam agradar por este meio. Os santos puseram-se em fuga e voltavam para o sítio onde haviam deixado os santos bispos. Havia no intermédio uma ponte magnífica, de fortaleza tão assombrosa que todos os instrumentos antigos convêm em dar-lhe os epítetos mais significativos de uma grandeza maravilhosa e de uma construção e solidez capazes de zombar da voracidade dos séculos. Nada era, ao parecer, menos fácil que a ruína daquela ponte; mas que coisa poderá haver difícil para aquele diante de cujo rosto os próprios montes se derretem e liquefazem como se fossem formados de cera? E que pode haver no mundo que tenha suficiente solidez e fortaleza para resistir aos desígnios e ao poder do Criador do próprio mundo?

Os santos fugitivos entraram na ponte e conseguiram sair dela com felicidade; os pagãos tumultuados seguiam a mesma rota e estavam, a seu parecer, muito próximos de pôr em execução seus sanguinários desejos; mas Deus, a cujo cargo está autorizar os princípios da pregação evangélica com milagres e portentos; Deus, que assegurou a seus apóstolos que, quando fosse conveniente, não necessitariam mais para trasladar um monte do que mandar-lhe com império desamparar o largo assento que ocupava; este mesmo Deus quis, nesta ocasião, manifestar por si mesmo a grandeza de seu poder e a vaidade e falsidade dos deuses dos gentios. Quando toda a ponte estava cheia dos cegos perseguidores, quando estes se viam já próximos de derramar o sangue inocente, quando nada aparecia que pudesse tornar evitável a morte dos santos discípulos e, por conseguinte, a dos sete bispos seus mestres, eis que repentinamente se comovem os robustos pilares que sustentavam aquela grande mole e, desatando-se as ataduras dos fortes arcos, toda a ponte se converte em escombros e ruínas, envolvendo ao mesmo tempo e precipitando nas profundezas do rio os miseráveis pagãos, que receberam desse modo o castigo de sua temeridade e de seu delito.

Um fato tão ruidoso consternou toda a cidade. Apenas havia casa onde não ressoassem os prantos e soluços pela morte do pai, do filho ou do parente. Um saudável temor apoderou-se dos corações de todos, que conheceram desde logo uma virtude superior a toda a natureza obrando em favor daqueles forasteiros. A raiva, o furor e a perseguição converteram-se em mansidão, em doçura e em hospitalidade, desejando cada um dos guadixenses ser o primeiro que tivesse em sua casa e regalasse os que viam favorecidos do céu. Tanta força têm sobre o coração humano os fatos milagrosos e admiráveis, e tal é a recomendação com que receberam nossos primeiros pais a santa e imaculada religião que professamos.

Entre todos os moradores de Guadix assinalou-se em piedade uma nobre matrona, por nome Luparia, a quem alguns monumentos dão o título de senatriz. Movida do milagre que haviam visto seus olhos e, mais poderosamente, da graça divina que interiormente a iluminava, determinou mandar chamar aqueles venerandos varões e hospedá-los em sua casa. Enviou-lhes mensageiros que lhes fizessem de sua parte o convite, e os santos o aceitaram com muito gosto. Quando Luparia os viu em sua casa, cheia de gozo e satisfação, começou a perguntar-lhes de que regiões haviam vindo ali e o mais que era anexo à diversidade de seu traje, que denotava diferença de

religião. Os santos, que não haviam desejado coisa com maior empenho que uma ocasião tão feliz para dar conta de sua missão e começar a semear o Evangelho, responderam que eram cristãos, a quem os apóstolos haviam mandado que viessem pregar o reino de Deus e o Evangelho. A esta resposta acrescentaram muitas palavras de doutrina celestial e divina, concluindo seu discurso ensinando que todo aquele que cresse em Jesus Cristo, filho de Deus, não morreria de morte eterna, mas antes viveria a mesma feliz vida com que vivem os anjos.

Como Luparia ouvia com ânimo sincero a doutrina do Evangelho, dignou-se Deus mover seu coração e iluminar seu entendimento para assentir aos mistérios da fé que se lhe propunham; e, como um e o mais necessário ouviu que era o batismo, pediu aos santos bispos que a batizassem. Estes, embora alegres do primeiro fruto da pregação e seguros da verdade e simplicidade com que Luparia pedia o batismo, não julgaram conveniente dar-lho por então até que estivesse mais instruída na religião que havia de professar e que se dispusesse lugar oportuno para a celebração de seus augustos mistérios. Com estas miras, mandaram à nova discípula que dispusesse o modo de edificar um batistério, que em alguns monumentos se chama também igreja e basílica, onde recebesse as águas salutares. A piedosa matrona recebeu o preceito com tal docilidade e o pôs em execução com tanta eficácia que muito em breve se edificou um templo a gosto e prazer dos santos e se colocou nele a fonte batismal, onde Luparia, cheia de devoção e de espiritual alegria, recebeu a regeneração por meio do batismo.

O exemplo daqueles a quem Deus distinguiu no mundo, ou pelo nascimento, ou pela dignidade, ou pelas riquezas, tem um influxo no resto do povo que parece contágio na velocidade com que se propaga. O batizar-se Luparia, que era nobre, senatriz e poderosa, parece que foi um convite público que se fez a todos para serem cristãos, e que todos aceitaram movidos do milagre, do exemplo e da voz interior com que chama o Espírito divino ao grêmio da Igreja. Já Guadix se havia convertido de colônia de romanos em colônia da religião de Jesus Cristo. Todos aqueles que haviam projetado, e acaso promovido, a perseguição dos santos os amavam e respeitavam como a seus pais, seus pastores e seus mestres. Ao passo que haviam dedicado novas aras ao verdadeiro Deus e aceitado novos ritos e sacrifício verdadeiro de infinito valor, haviam destruído e arruinado não somente as estátuas dos falsos deuses, mas também suas aras imundas e seus profanos templos; e, segundo o Lecionário complutense, sobre as ruínas de um templo levantaram outro, onde consagraram um altar ao glorioso precursor de Jesus Cristo, São João Batista. Uns princípios tão felizes, juntamente com a pregação e infatigável zelo dos santos, fizeram de Guadix uma cidade inteiramente cristã, onde já sobravam tantos obreiros.

Pensaram, pois, os santos repartir-se por outras cidades para que todas fossem participantes do bem que Ácci, ou Guadix, havia desfrutado e eles pudessem exercitar o ministério de sua missão. Na repartição que se fez coube a nosso São Cecílio a cidade de Ilíberis ou Granada; e desde este momento cessam quase todas as notícias dos primeiros pais de nossa fé. Deve-se supor que, constituído São Cecílio em sua igreja, cumpriria todos os cargos de um perfeito bispo, depois de cumprir com a pregação de um apóstolo verdadeiro. O Ofício moçárabe diz que, quando iam os santos a seus respectivos destinos, iam abrasando tudo com o fogo de caridade e de doutrina que saía de seus corações. Este fogo não é de crer que se limitasse àquelas poucas cidades em que fundaram sés episcopais, mas que se derivaria docemente a todas as povoações de seus arredores, ajudando não pouco para este efeito venturoso a ilustração e a paz de que gozava de

ordinário a Bética, por ser província isenta da jurisdição imperial e sujeita imediatamente ao senado.

Seu zelo, sua caridade, sua pregação e seus trabalhos receberam finalmente de Deus o galardão merecido; pois, segundo insinuam os instrumentos mencionados, o Senhor lhes concedeu tanta graça que chegaram a derramar seu sangue pela fé que pregavam e a receber a coroa do martírio; embora não se saiba positivamente com que gênero de morte alcançaram a vitória. O certo é que no Lecionário complutense se assegura que quantos chegavam a seus sepulcros com verdadeira devoção, outros tantos experimentavam os felizes efeitos de sua poderosa intercessão. Isto convence de que, quando se formou aquele Lecionário, eram seus sepulcros conhecidos, como o eram também os cegos, mudos, surdos e necessitados que, orando neles, logravam vista, fala, ouvido e todo gênero de remédio da divina misericórdia. Era também conhecida uma oliveira que plantaram os sete santos bispos à porta da igreja de Guadix, a qual florescia e frutificava milagrosamente todos os anos no dia de sua festa, que era o primeiro de maio. Os fiéis recolhiam com piedade aquele fruto milagroso; e o céu, pela intercessão dos santos, via-se que premiava com mil benefícios aquele fervor piedoso com que olhavam os fiéis tudo quanto pertencia ou tocava de alguma maneira a seus pais, a seus apóstolos e a seus mestres. Com a entrada dos mouros na Espanha cessou aquele milagre, e até se crê que pereceu também aquela preciosa oliveira; não é muito que perecesse, quando esta região perdeu sua liberdade e se viu devorada de todos os desastres e calamidades que traz consigo a guerra; mas nela e na paz jamais deixaram São Cecílio e seus companheiros de ser nossos benéficos protetores.

Martirológio Romano

A festa de Santo Inácio, mártir, que foi o terceiro bispo de Antioquia depois de São Pedro. Tendo sido condenado às feras na perseguição de Trajano, foi, por ordem deste príncipe, carregado de cadeias e levado a Roma, onde, em presença do senado, depois de horríveis suplícios, foi exposto aos leões, em cujos dentes, moído, fez-se pão de Jesus Cristo.

Em Esmirna, São Pionio, presbítero e mártir, o qual, tendo composto muitas apologias pela fé cristã, habitou longo tempo numa prisão infecta, com grande número de irmãos a quem animou a sofrer constantemente o martírio; depois de cruéis tormentos, foi traspassado com cravos e posto sobre uma fogueira ardente, onde achou uma santa e feliz morte com outros quinze cristãos.

Em Ravena, São Severo, bispo, que foi elevado a esta dignidade por seus grandes méritos, tendo-se pousado uma pomba sobre ele.

Em Três Castelos, na França, São Paulo, bispo, célebre durante sua vida pelo esplendor de suas virtudes e cuja preciosa morte atestam seus milagres.

No mesmo dia, Santo Efrém, diácono da igreja de Edessa, o qual, depois de ter empreendido muitos trabalhos para manter a fé cristã, esclarecido por sua santidade como por sua doutrina, foi gozar o repouso do Senhor no tempo do imperador Valente.

Na Irlanda, Santa Brígida, virgem, que, em prova de sua virgindade, tendo tocado um lenho do altar, fê-lo reverdecer de repente.

Em Castel Fiorentino, na Toscana, a bem-aventurada Veridiana, virgem, reclusa, da ordem de Valombrosa.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos per beatum Cæcilium martyrem tuum atque pontificem ad agnitionem tui nominis venire tribuisti: concede propitius, ut per quem superni muneris rudimenta suscipimus, per eum subsidia perpetuæ salutis impetremus: Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit et regnat...*

Português: Ó Deus, que nos concedestes vir ao conhecimento de vosso adorável nome por meio da pregação de vosso bem-aventurado mártir e bispo Cecílio, fazei, propício, que alcancemos as graças necessárias para conseguir a salvação eterna, por meio daquele mesmo por quem nos dispensastes os primeiros rudimentos da fé: Pelo mesmo Senhor nosso...

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da epístola canônica do apóstolo São Tiago.

Tiago 1,12-18

> **Latim:** 12 Beatus vir qui suffert tentationem : quoniam cum probatus fuerit, accipiet coronam vitæ, quam repromisit Deus diligentibus se. 13 Nemo cum tentatur, dicat quoniam a Deo tentatur : Deus enim intentator malorum est : ipse autem neminem tentat. 14 Unusquisque vero tentatur a concupiscentia sua abstractus, et illectus. 15 Deinde concupiscentia cum conceperit, parit peccatum : peccatum vero cum consummatum fuerit, generat mortem. 16 Nolite itaque errare, fratres mei dilectissimi. 17 Omne datum optimum, et omne donum perfectum desursum est, descendens a Patre luminum, apud quem non est transmutatio, nec vicissitudinis obumbratio. 18 Voluntarie enim genuit nos verbo veritatis, ut simus initium aliquod creaturæ ejus.

Português: [12] Bemaventurado o homem, que sofre com paciencia a tentação: porque depois que elle tiver sido provado, receberá a coroa da vida, que Deos tem promettido aos que o amão. [13] Ninguem, quando he tentado, diga, que Deos he o que o tenta: porque Deos he incapaz de tentar para o mal: e elle a ninguem ten-ta. [14] Mas cada hum he tentado pela sua propria concupiscencia, que o abstrahe, e allicía. [15] Depois quando a concupiscencia concebeo, pare ella o peccado: e o peccado quando tiver sido consum-mado, gera a morte. [16] Não queirais pois errar, irmãos meus muito amados. [17] Toda a dadiva em extremo ex-cellente, e todo o dom perfeito vem lá de cima, e desce do Pai das luzes, no qual não ha mudança, nem sombra alguma de variação. [18] Porque de pura vontade sua he que elle nos gerou pela palavra da verdade; a fim de que sejamos como as primícias das suas creaturas.

Reflexões

Não queirais errar, irmãos meus muito amados. Toda boa dádiva e todo dom perfeito desce do alto, descendo daquele Pai das luzes, no qual não há mudança nem sombra de variação. Um dos dons ou graças mais assinaladas que Deus nos fez é o termos sido chamados a seu rebanho, fazendo-nos conhecer seu santo e adorável nome e elegendo-nos por ovelhas de sua grei. Mas nós, os espanhóis, devemos reconhecer que a misericórdia de Deus se manifestou muito particularmente conosco, quando, não contente com que seus santos apóstolos nos pregassem o Evangelho, destinou outros varões apostólicos que afugentassem as trevas do erro e aperfeiçoassem o que seus discípulos haviam começado. Apenas haviam ouvido as demais nações o nome de Jesus Cristo, apenas haviam chegado a seus ouvidos os portentos de seu nascimento prodigioso, de sua vida santíssima e de sua sacratíssima paixão e morte, quando já nesta região afortunada tinha adoradores que, submetendo o pescoço ao jugo da fé, criam seus mistérios e o testificavam com as obras. Pode-se dizer que ainda fumegava o preciosíssimo sangue vertido por aquele cordeiro que tirou os pecados do mundo quando nós experimentávamos os benefícios de tão admirável redenção.

O haver-nos criado do nada, o haver-nos dado esta natureza racional que temos, é graça e dom de Deus, enquanto não podíamos tê-lo merecido; mas é uma graça que, sem a fé, de nada nos aproveitaria para a vida eterna. Seríamos como éramos: pagãos, cegos, idólatras, escravos dos sentidos, do mundo e de sua concupiscência, se os varões apostólicos destinados pelo Pai das misericórdias não nos tivessem tirado do abismo de nossa cegueira e não nos tivessem feito participantes daquela luz que desce do Pai das luzes, de quem nos vem todo dom perfeito. E de onde poderíamos pretender os espanhóis um direito para que, ficando tantos povos, tantas nações às escuras, fôssemos nós escolhidos para ouvir o Evangelho, quando começavam seus ecos a ressoar no mundo? Pois bem, se nenhum homem senão o ingrato, como diz Santo Agostinho [^2], duvida de que tenha recebido de Deus a natureza, que ingratidão não será o não se lembrar sequer de ter recebido uma graça tão magnífica e excelente como a graça da fé!

Esta graça é superior a todas as graças, é um compêndio de todos os benefícios e misericórdias do Senhor; porque ela nos abre a porta para que entremos em sua casa e possamos dizer confiadamente, com o profeta Davi: Nós somos povo de Deus e ovelhas de seu rebanho. Contudo,

são muito poucos os que fixam suas considerações nos princípios por onde lhes veio o serem cristãos. São muito poucos os que, remontando-se àqueles séculos obscuros e de trevas em que viviam nossos primeiros espanhóis antes da pregação do Evangelho, chegam a reconhecer a graça especial de não terem ficado cegos como eles. São muito poucos os que contemplam os afãs, os trabalhos, a morte violenta que padeceram os pais de nossa fé e que com uma ardente devoção se lhes manifestam agradecidos. Nossa gratidão se mostra de ordinário por bens mais sensíveis: a restauração da saúde perdida, o aumento dos bens de fortuna, a consecução de um posto brilhante e coisas semelhantes a estas, em que se interessa mais nosso amor-próprio que nossa alma, são as que nos levam mais frequentemente ao pé dos altares a oferecer nossos votos e manifestar a Deus nosso agradecimento.

Elevemos a consideração destas coisas terrenas às celestiais e divinas. Quando lemos os feitos e a pregação dos primeiros pais de nossa fé, reflitamos que por eles obtivemos um benefício superior a todos os bens temporais. Éramos homens, mas homens condenados a um desterro perpétuo da pátria celestial, homens constituídos na massa de perdição, homens separados pelo pecado do primeiro homem da herança do céu; homens extraviados daquele fim soberano para que nos destinou nosso Deus desde o princípio e homens finalmente mais infelizes que as bestas, enquanto nem podíamos gozar dos privilégios de ter sido criados à imagem e semelhança de Deus, nem esperar que nossa alma imortal vivesse eternamente uma vida feliz e bem-aventurada. Quanta, pois, deve ser nossa gratidão e reconhecimento àqueles varões apostólicos que, à custa de imensos trabalhos, suores, perseguições e até da própria morte, nos proporcionaram a ventura incomparável de ouvir o Evangelho e de ser discípulos de Jesus Cristo!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 14 de São Lucas.

Lucas 14,26-33

> **Latim:** 26 Si quis venit ad me, et non odit patrem suum, et matrem, et uxorem, et filios, et fratres, et sorores, adhuc autem et animam suam, non potest meus esse discipulus. 27 Et qui non bajulat crucem suam, et venit post me, non potest meus esse discipulus. 28 Quis enim ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum, 29 ne, posteaquam posuerit fundamentum, et non potuerit perficere, omnes qui vident, incipiant illudere ei, 30 dicentes : Quia hic homo cœpit ædificare, et non potuit consummare ? 31 Aut quis rex iturus committere bellum adversus alium regem, non sedens prius cogitat, si possit cum decem millibus occurrere ei, qui cum viginti millibus venit ad se ? 32 Alioquin adhuc illo longe agente, legationem mittens rogat ea quæ pacis sunt. 33 Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus quæ possidet, non potest meus esse discipulus.

Português: [26] Se algum vem a mim, e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãas, e ainda a sua mesma vida, não póde ser meu discípulo. [27] E o que não leva a sua cruz, e vem em meu seguimento, não póde ser meu discípulo. [28] Porque qual de vós querendo edificar huma torre, não se põe primeiro muito de seu vagar a fazer conta dos gastos, que são necessarios, para ver se tem com que a acabar, [29] para se não expor a que, depois que tiver assentado o fundamento, e não na poder acabar, todos os que a virem, comeceem a fazer zombaria d'elle, [30] dizendo: Este homem principiou o edifício, e não no póde acabar? [31] Ou que rei ha, que estando para ir para a campanha contra outro rei, não tome primeiro muito de assento as suas medidas, a ver se com dez mil homens poderá ir a encontrar-se com o que traz contra elle vinte mil? [32] D'outra maneira, ainda quando o outro está longe, enviando sua embaixada, lhe pede tratados de paz. [33] Assim pois qualquer de vós que não dá de mão a tudo o que possue, não póde ser meu discípulo.

Meditação

Sobre o benefício de ser cristão

Primeiro ponto

Considera os gravíssimos males de que estás livre somente por professar a religião cristã católica. Seria necessário formar um catálogo demasiado prolixo e molesto para compreendê-los todos. A história dos vícios e dos erros dos homens seria o espelho em que se visse todo o número e, ao mesmo tempo, todo o horror que podem inspirar numa alma iluminada pela fé. Quando se veem uns homens tidos por sábios e filósofos tributar adorações e incenso a um lenho artificiosamente lavrado; quando se veem esses mesmos fechar os olhos para não ver o delito, com todo o horror de sua injustiça, naqueles mesmos que veneravam por deuses; quando se os vê mudar as ideias do bom e do mau segundo a variedade e inconstância com que se permitem mover e afagar nossos sentidos, não se pode deixar de conhecer a torpe e profunda ignorância em que jaziam submersos os pagãos e a luz sobrenatural e divina que com a fé recebe nosso entendimento.

O sábio mais profundo jamais pôde passar da natureza. Seus conhecimentos não saíram da esfera a que os reduziam seus sentidos. O próprio conhecimento de um ser supremo era tão terreno e apoucado como seus desejos e seus corações. Puderam sim contemplá-lo como autor natural de tudo o que foi criado; mas o sobrenatural, o divino, teve sempre um véu impenetrável para todos os olhos que não viram com a luz da fé. Ignoraram o sublime mistério de que Deus é uno e trino; que a unidade fecunda de Deus engendrou desde a eternidade um Filho, que é Deus em tudo igual e consubstancial ao Pai; que do amor mútuo do Pai e do Filho procedeu o Espírito Santo, em tudo igual ao Pai e ao Filho, e que é Deus infinito e eterno, como o são o Filho e o Pai. Nenhuma ideia tiveram dos eternos conselhos pelos quais dirige e regula todas as coisas com uma providência sumamente sábia, benéfica e imutável. Ocultou-se-lhes finalmente que pudesse Deus, para remediar os males do homem, que viam e de que não alcançavam o princípio, fazer que o próprio Deus se fizesse homem.

Por meio da fé qualquer cristão, o pastor mais rude, a mais simples mulherzinha, sabem que as estátuas são mudas obras das mãos do homem e invenções do demônio para ter escravizados os infelizes mortais que dão ouvidos a suas falazes sugestões. Qualquer, pela fé, se faz participante de uma sabedoria que lhe dá ideias mais sublimes da divindade do que quantas tiveram Sócrates, Platão, Aristóteles e a demais turba de filósofos gentios. E finalmente qualquer sabe, pela fé, que os males e enfermidades que padece a natureza racional tiveram seu princípio na desobediência do primeiro homem; e que um segundo homem, isto é, o Verbo divino encarnado, Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, lhes aplicou o único e verdadeiro remédio, morrendo numa cruz pelos pecados do mundo.

Este benefício que logramos pela fé é de tanta excelência quanta se deixa perceber pelos benefícios que lhe são consequentes, que não são menos que uma vida pacífica e uma bem-aventurança eterna. Mas, ao mesmo tempo, não se pode duvidar de que, assim como a graça não produz seus admiráveis efeitos sem a cooperação de nossa vontade, do mesmo modo a fé necessita de que nosso entendimento se persuada a usar de suas luzes, segundo as condições que ela mesma, ou, por melhor dizer, Deus, estabeleceu em sua doação gratuita. Que desígnios, pois, seriam os de Deus quando nos deu a fé e, com ela, uma sabedoria superior à dos filósofos? Seriam porventura satisfazer nossa curiosidade e divertir nosso espírito com especulações infrutuosas? Não, meu Deus, não, Deus de minha alma e de minha fé: se vós me haveis ensinado que sois um ser infinitamente bom, amável, formoso e compêndio de todos os bens, devo conhecer que em vós só devo colocar meu amor; que a vós só devo tributar meus votos; e que somente diante de vossos altares devo queimar incenso e render adorações. A fé desterrará minha ignorância; mas eu somente deverei ser sábio para vós: a fé me fará superior aos sábios do mundo; mas toda a minha sabedoria se há de reduzir a amar o Autor que a produziu.

Segundo ponto

Considera os bens espirituais que logram os cristãos pelo benefício que Deus lhes fez de dar-lhes o dom da fé e separá-los daquela massa de homens de perdição que não sabem adorar seu Criador em espírito e verdade, e da maneira que quer ser adorado. Ainda que a própria fé não nos desse as luzes mais claras para a direção de nossas obras em ordem à vida eterna, nós não poderíamos deixar de vê-las nos próprios objetos, nas mesmas coisas que a fé nos propõe. Diz-nos os terríveis suplícios que Deus tem preparados ao delito; mas também insinua a penitência com que ou o justo se sustenta ou o pecador se purifica. Descobre e até delineia aquela cidade santa, aquela habitação de descanso e de delícias prometidas à virtude; e ao mesmo tempo nos ensina que, para chegar a termo tão venturoso, é indispensável fazer contínua guerra às paixões e aos sentidos. Oferece a nossos olhos o sangue de um Deus derramado pela redenção do mundo; anuncia a graça poderosa do Verbo divino, vestido de carne mortal; mas também assegura que não somente se deve dar glória e honra em todas as ações àquele que nos libertou de uma escravidão eterna à custa de tão grande preço, mas que, além disso, não seremos participantes de graças tão sublimes senão vivendo neste século com temperança, com justiça e com piedade.

Assim é que este dom precioso, esta luz brilhante nos descobre não somente quanto devemos saber especulativamente para que não erre nosso entendimento, mas quanto devemos praticar

para que nossa vontade não desatine em suas eleições. Não somente nos ensina que nosso amor-próprio não pode deixar de enganar-nos; que nossa própria vontade não tende senão a extraviar-nos e que nosso espírito não intenta outra coisa que seduzir-nos com as imagens do perecedouro; mas, além disso, a fé exige de nós que renunciemos às nossas próprias luzes por uma santa desconfiança; que reprimamos nossas inclinações por meio de uma mortificação austera e que nos percamos para este mundo a fim de ganharmos felizmente uma venturosa eternidade. Para este efeito pinta-nos com as cores mais negras e desagradáveis os bens e honras que tanto aprecia a multidão enganada; faz-nos suspeitos todos os laços que nos unem com o terreno e transitório; condena por delito a posse que não está subordinada a Deus e nos manda possuir os bens da terra como se não se possuíssem. Ainda há mais: a fé nos faz olhar a humilhação cristã como brasões de glória; as aflições como timbres de felicidade; as contradições e perseguições do mundo como um proveito certo, e nos faz um preceito da própria mortificação. Compare-se esta doutrina, comparem-se estas máximas com as que fornece a humana filosofia; faça-se um cotejo do aspecto com que apresenta a fé as coisas a nossos olhos e daquele em que as têm olhado os mais sábios do mundo, e achar-se-á uma ciência sobrenatural que não se aprende nos livros; uma arte divina com que dos males se tiram os bens e um manancial perpétuo de benefícios que durarão ainda depois que se acabe tudo o visível.

Oh! E com quanta razão exclamava Santo Agostinho [^3]: «Viveis, sentis, entendeis, sois homens; mas que benefício pode comparar-se com o de ser cristãos? Se não o fôssemos, que proveito nos traria o ser homens? O ser cristãos faz que pertençamos a Cristo. Enfureça-se o mundo contra nós, muito bem; não nos vencerá, porque somos posse de Cristo. Lisonjeie-nos, afague-nos; não nos chegará a seduzir, porque somos posse de Cristo. Alegremo-nos, pois — diz em outro lugar [^4] —, e demos rendidas graças a nosso Deus, não somente porque fomos feitos cristãos, mas porque fomos feitos de certa maneira o mesmo Cristo. Entendeis, irmãos? Compreendeis a graça singular que Deus derramou sobre nós? Admirai-vos, regozijai-vos; fomos feitos Cristo. Porque, se ele é nossa cabeça e nós seus membros, entre ele e nós compomos um todo, que é um homem inteiro, o qual é Cristo.» Benefícios são estes que deveriam ocupar sempre tua memória e levá-la docemente àquele feliz princípio de onde manaram tantas consequências e circunstâncias para que tu fosses cristão. Este princípio foi a pregação dos varões apostólicos; sê, pois, agradecido e estima devidamente seus trabalhos, seus afãs e seu martírio. Ó meu Deus, eu vos louvo por todos estes dons e conheço que todos me vêm de vossa mão!

Jaculatórias

> *Tu illuminas lucernam meam, Domine: Deus meus, illumina tenebras meas.* Sl 17.

Vós, meu Deus e Senhor, alumiais com a luz da fé meu entendimento; vós sois o que dissipastes as espessas trevas que o tinham escurecido sem poder levantar-se da terra.

> *Sit nomen Domini benedictum, ex hoc nunc, et usque in sæculum.* Sl 112.

Seja vosso nome, Senhor, exaltado e bendito entre todas as nações, agora e sempre, e por todos os séculos.

Propósitos

1. Sendo a fé tão grande benefício, como nas meditações se insinuou, deve o cristão fazer dela o devido apreço, estimando suas luzes, abraçando seus documentos e dando a entender com as obras que o entendimento tem inteira persuasão de suas verdades. Porque, de outra maneira, como se poderá dizer com verdade que cremos? Somos cristãos, é verdade; o caráter e selo de Jesus Cristo imprimiu-se em nossas almas quando, diante dos altares, em presença dos céus e da terra, nos alistamos sob suas bandeiras e juramos solenemente a fé de Jesus Cristo. O sacerdote no templo, o juiz em seu tribunal, o homem privado em sua família, não têm obrigação mais sagrada que a de cristãos. Esta é nossa profissão, este é nosso ofício; e poder-se-á acrescentar a isto o que dizia Jesus Cristo: minhas obras dão testemunho do que eu sou? Desventurados de nós! Nossas obras dão testemunho do contrário; nossas obras testificam que somos cristãos no nome; que a religião que professamos não é em nós outra coisa que um conjunto de cerimônias estéreis com que pretendemos enganar os homens; que nossa fé não persuade o entendimento e, por conseguinte, não move a vontade; que somos fariseus, inimigos da cruz de Cristo e perseguidores de sua doutrina.

Se isto é duro, se nos faz tremer diante de Deus o testemunho de nossa consciência, examinemos nossas obras, que elas nos dirão fielmente a verdade. Sim, meu Deus, eu conheço que crer que sois sumo bem e não amar-vos; que sois infinitamente justo e não temer-vos; crer que tendes uma felicidade eterna preparada e não fazer diligências para alcançá-la; que há um fogo inextinguível e não temer tão terrível castigo; crer que o Verbo eterno se fez homem por nós e desprezar sua doutrina; pisar seu sangue e abandonar seus sacramentos, isto é imperceptível, é absolutamente contraditório e não cabe na razão nem no entendimento retificado com a fé.

[^1]: Todas as cartas que dirigiu às demais igrejas levavam o mesmo título: À Igreja bem-aventurada que está em Éfeso, em Magnésia, em Trales, etc. Mas, quando escreveu aos romanos, mudou o santo de estilo e começou assim: À muito amada Igreja, que é iluminada por aquele que ordena todas as coisas conforme a caridade de Jesus Cristo nosso Deus, que preside no país dos romanos, [trecho em grego ilegível no OCR] digna de Deus, digna de honra, que merece ser ditosa, ser louvada, que é conduzida e governada com sabedoria, que é casta, que preside com caridade, etc. O padre Orsi observa que esta diferença de estilo não é sem alguma razão, e tira daqui uma prova da supremacia universal da Igreja romana. [^2]: (Nota ausente no texto reconhecido pelo OCR.) [^3]: Sermão 50. [^4]: Tratado 21, sobre São João.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:27 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:27 by Admin